

Lycurgo de Castro Santos Filho (\*)

**O desventurado  
Boaventura do Amaral  
e o combate de  
Venda Grande (1842) (\*\*)**

(\*) Presidente de honra do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Ex-presidente da Academia Paulista de Letras, membro da Academia Campinense de Letras, da Academia Paulista de História, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(\*\*) Publicado anteriormente na Revista da Academia Paulista de História, ano 1, nº 1 - 1981, SP, p. 48 - 53.

**ABSTRACT**

*The author reminds us of the need to review the historical text about the Venda Grande Battle, from the book "History of the Brazilian Army" (military profile of a nation) due to new information.*

*He emphasizes the heroic behaviour of Captain Boaventura do Amaral, focused under the viewpoint of several different authors.*

**RESUMO**

*O autor lembra a necessidade de revisão do texto histórico relativo ao Combate de Venda Grande, do livro "História do Exército Brasileiro" (Perfil militar de um Povo), diante de novas informações. Destaca o comportamento heróico do Cap. Boaventura do Amaral, enfocado sob a ótica de diferentes autores.*

Em 1972, ao se comemorar o sesquicentenário da Independência, o Estado-Maior do Exército editou uma "História do Exército Brasileiro", subtítulo "Perfil militar de um povo". Não se apresentando em caráter definitivo, mas apenas como esboço – segundo revela o prefácio – a obra, que é de fôlego, irá, possivelmente, ser revista em, pelo menos, alguns de seus pontos. Um deles seria o capítulo dedicado à Revolução Liberal de 1842 (vol.2: 493-497). Refiro-me, mais particularmente, aos acontecimentos de Campinas, onde houve o combate da Venda Grande.

Os organizadores da "História do Exército Brasileiro" transcreveram, colocando, naturalmente, entre parênteses, o que a propósito da Venda Grande escreveu um "historiador" (pág.495), cujo nome e cuja obra são difíceis de localizar entre cerca de mil e quinhentas referências bibliográficas. Baseou-se, esse historiador, na "parte oficial" dos acontecimentos, cuja versão foi também aceita e exposta por autores como Eudoro Berlink (in "Caxias", Rio de Janeiro, 1934, pág. 64) e Eugênio Vilhena de Moraes (in "Caxias em São Paulo", Rio de Janeiro, 1933, págs. 63 a 65).

Entretanto, a versão oficial conflita com o depoimento de coevos e com o de modernas narrativas, em certos e importantes pormenores, tais como os aprestos, a situação das forças opositoras e o número de mortos em combate.

Disse, em resumo, o historiador citado na "História do Exército Brasileiro", que os soldados do Ten.-Cel. José Vicente de Amorim Bezerra, enviados pelo então barão de Caxias, deram combate a rebeldes liberais bem entrincheirados, bem armados e dispostos à luta. Ora, discordando dessa versão, Aluísio de Almeida (Monsenhor Luís Castanho de Almeida), eminente membro da Academia Paulista de História, recém-falecido, em seu clássico livro "A Revolução Liberal de 1842", Rio de Janeiro, 1944, pág. 125, narrou que:

"Os caçadores de Caxias rodeavam facilmente o acampamento descuidoso, de rastos pela macega. Era o dia sete de junho. A um brado, os atacantes se erguem e estão na frente dos revoltosos. Sem armas, corre a maior parte, enquanto os corajosos se

agrupam perto da casa junto ao Cap. Boaventura, que não se entregou e caiu morto”.

Mais adiante será analisado o episódio da morte de Boaventura, que é descrita de forma diferente por alguns cronistas. Outro a expor em desarmonia com a versão oficial foi João Batista de Moraes, que em seu alentado estudo “Revolução de 1842” (São Paulo, 1908, pág. 577), no qual, aliás, muito se baseou Aluísio de Almeida, contou que:

“A força (rebelde) não tomara precaução alguma, e os seus homens se achavam entregues a diversos entretenimentos”. Muitos estavam caçando, outros pescando, enquanto alguns auxiliavam os trabalhadores do engenho na moagem. “Guiados por vaqueanos”, prosseguiu Moraes, “os caçadores de Caxias se aproximaram do ponto de reunião sem que fossem pressentidos”. São, portanto, duas fontes a informarem que os rebeldes foram surpreendidos, debandaram, e apenas alguns poucos resistiram, sob as ordens do Comandante Boaventura do Amaral.

Outro pormenor colidente é o que se refere à ocasião da morte de Boaventura, que não teria morrido em combate, mas assassinado horas mais tarde pelos soldados que defendiam a legalidade.

Paulista de Itu ou de Capivari, ignorando-se ainda a data de seu nascimento, Boaventura era, segundo o linhagista Luís Gonzaga da Silva Leme (in “Genealogia Paulistana”, 6:128-130), um dos dez filhos de Vicente Ferrer do Amaral, que se casara em 1769, em Itu, com Brígida Soares de Camargo, descendendo, pai e mãe, de velhos troncos de Piratininga. Refere também Silva Leme que “o Cap. Boaventura do Amaral Camargo casou e deixou quatro filhos em Capivari”, dos quais descobriu “por informações”, três deles, Francisco, Cândido e Filadelfo, todos casados e com descendência (op.cit., 9-195-196).

Boaventura do Amaral Camargo, ou Boaventura Soares do Amaral, como o chamou Ricardo Gumbleton Daunt (in “Os primeiros tempos de Campinas”, reedição de “Reminiscências do Distrito de Campinas”, 1879, pág.15), assinava-se “Boaventura d’Amaral Camargo”, na precisa informação do historiador Celso Maria de Melo Pupo (in “Campinas, seu berço e juventude”, Campinas, 1970, pág.133,) que acrescenta: “era capitão da segunda linha e durante anos militou nas campanhas do Sul contra os castelhanos”. Já Aluísio de Almeida, em rodapé da pág. 126 de seu livro, informou que o paulista – ainda tão mal estudado e tão mal conhecido – “fora soldado de primeira linha nas guerras do Sul”. Da primeira, ou da segunda, o

certo é que era capitão de tropas combatentes, de linha, soldado de profissão. E em uma particularidade concordam todos os autores: portou-se ele com valentia no combate da Venda Grande. Escreveu o historiador transcrito na "História do Exército Brasileiro" (pág. 496):

"O comandante da coluna rebelde, capitão Boaventura, foi mortalmente ferido nesse combate, preferindo sucumbir para não ficar mareada sua honra de soldado".

E exclamou Aluísio de Almeida (op. cit., pág.126):

"Capitão Boaventura do Amaral: Soldado do exército brasileiro, qualquer que seja a opinião dos teus compatriotas acerca de tua causa, tu salvaste a honra do povo paulista! Sombra de Boaventura do Amaral! Tu estás presente junto a quantos amam deveras à pátria que serviste com o sangue de tuas veias!"

E assim se expressou João Batista de Moraes (op. cit. págs. 577, 578):

"A debandada foi geral, somente o pequeno número que se achava junto à habitação para ali se dirigiu, e não teriam feito resistência alguma, se não fora a coragem e decisão de Boaventura que terminantemente declarou que havia de morrer resistindo. Expondo-se ao ataque, foi um dos primeiros a cair morto, e, como consequência, deu-se o aprisionamento dos que ali se achavam, sem maior resistência".

A versão oficial, do "relatório do ministro da Guerra" (Aluísio de Almeida, op. cit., pág.126), foi a de que no combate da Venda Grande "tomaram mortos 17 rebeldes e 15 ficaram prisioneiros. Os soldados da lei tiveram 2 soldados mortos e 1 capitão e nove soldados feridos". Encamparam essa notícia oficial os organizadores da "História do Exército Brasileiro" e mais Aluísio, Moraes, Berlink e Vilhena de Moraes, atrás citados. Depoimentos do século XIX, entretanto, contradisseram a mesma versão oficial. Ricardo Gumbleton Daunt (op. cit., pág. 15), médico irlandês que viera para o Brasil em 1843 e que em 1845 se estabelecera em Campinas, escreveu:

"Houve a debandada dos provincianos, mas o Cap. Boaventura não cuidava em si, recusou abandonar seu posto, e quando se viu cercado pelo inimigo quis constituir-se prisioneiro de um oficial de quem, no Sul, fora camarada d'armas, a fim de assim obter a garantia de sua vida. Ele ofereceu sua espada ao referido oficial, e o infame, rindo-se, virou as costas, deixando o paulista à mercê da tropa. Prenderam-no e no ato, brutalmente o feriram, levando-o para a casa da antiga fazenda, que era sobrado. Ai atiraram-no a uma cama e na mesma noite os soldados o assassinaram a sangue frio. Infelizmente ignoro o nome do oficial que fez o asqueroso papel narrado, mas consta-me que morreu lazarento".

Celso Maria de Melo Pupo, descendente ou ligado a personagens diretamente envolvidos na contenda, liberais revoltosos como Antônio Manuel Teixeira, Francisco e Luciano Teixeira Nogueira, e Teodoro Ferraz Leite, senhor do engenho da Lagoa, onde se deu o combate da Venda Grande, transcreve (op. cit. págs. 123 a 136) um depoimento assaz curioso, que ele encontrou no "diário" manuscrito de Ana Gabriela de Castro Camargo, esposa de Joaquim Roberto Alves, "escrivão do inquérito criminal" que apurou em Campinas a ação dos liberais rebeldes, depoimento escrito na ocasião dos sucessos. Segundo Ana Gabriela, apenas dois revoltosos morreram no combate, os demais ficaram feridos, e foram, à noite, assassinados no interior do sobrado do engenho da Lagoa:

"Deram o ataque na Venda Grande a 7 de junho de 1842, às duas horas da tarde, e, dizem, morreram na ação Joaquim Camarada e Pedro Aleixo; ficaram baleados muitos que morreram assassinados depois da ação, Comandante Boaventura e mais pessoas. Triste coisa".

Realmente, triste coisa! Nefando e covarde ato, a ser verdade o que escreveu Ana Gabriela, cujo "diário", um pequeno "Livro de Família", encontra-se em poder de uma sua bisneta, Zina de Castro Bicudo, segundo informou o mesmo historiador Celso Maria de Melo Pupo. Este, que ouviu a mesma versão de descendentes de participantes do combate da Venda Grande, endossa o depoimento de Ana Gabriela, que foi testemunha de oitiva dos lamentáveis acontecimentos.

O diz-que-diz entre o povo, sobre a fúria sanguinária dos vencedores, perdurou pelos anos afora, e foi ouvido em 1860, em Campinas pelo jornalista Augusto Emílio Zaluar (in "Peregrinação pela Província de São Paulo", pág. 148). Um seu amigo e acompanhante na viagem contou-lhe que:

"Depois de terem sido os insurgentes batidos, fuzilados, dispersados pelas forças imperiais, os soldados, para completar a vitória, foram de espadas nuas, espingardas e baionetas, dar busca em roda da casa e pelo mato, a ver se encontravam ainda algum desgraçado que tivesse escapado do seu furor".

Em verdade, os sucessos desenrolados em Campinas por ocasião da Revolução Liberal de 1842, estão a requerer maiores pesquisas e melhor análise.

Ainda Melo Pupo (op. cit., pág. 135) narrou que em 1882, Joaquim Bonifácio do Amaral, visconde de Indaiatuba, um dos revoltosos que conseguiu fugir e escapar do massacre, "com alguns

correligionários e companheiros daquela malograda jornada" exumou o que restava dos liberais enterrados junto à casa do engenho e transportou as respeitáveis relíquias para o cemitério público de Campinas. Refira-se, finalmente, que outro dos fugitivos da Venda Grande, Vitoriano de Souza Rocha, correu bastante e refugiou-se no sertão de Botucatu. Ali, em 1861, ou 1862, fundou Avaré.

### **Referências Bibliográficas**

- ALMEIDA, Aluísio de. *A Revolução Liberal de 1842*. Rio de Janeiro : José Olímpio, 1944. (Coleção Documentos, 46)
- BERLINK, Eudoro. *Caxias : história militar do Duque de Caxias*. Rio de Janeiro : F. Briguiet, 1934.
- DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Os primeiros tempos de Campinas*. 4. ed. s.l. : s.n., s.d.
- FLORENCE, Amador. *Revolução de 1842*. *Gazeta de Campinas*, 8/13 jun./jul. 1882.
- BRASIL. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO. *História do Exército Brasileiro : perfil militar de um povo*. Rio de Janeiro, 1972.
- LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia paulistana*. São Paulo : Duprat, 1905. v. 6, v. 9.
- MARIANO, Júlio. Os velhos jornalistas em Avaré. *Correio Popular*, Campinas, 22 set. 1974.
- MORAIS, Eugênio Vilhena de. *Caxias em São Paulo : a Revolução de Sorocaba*. Rio de Janeiro : Calvino Filho Ed., 1933.
- MORAIS, João Batista de. *Revolução de 1842*. In : *REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO*, v. 12, p. 437-616, 1908.

PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, seu berço e juventude. Publicações da Academia Campinense de Letras, Campinas, n. 20, 1969.*

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861). 3.ed. São Paulo : Livraria Martins, 1953.*